

A extensão como potência transformadora da sociedade: transbordando saberes e fazeres

*Extension as a transforming power of society:
overflowing knowledge and practices*

Vanderlice Sól¹

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre os novos modos de ser/estar na universidade, pensando a extensão como potência transformadora da sociedade. Aborda-se a ideia de uma universidade que atua de maneira colaborativa, reconhecendo a importância dos saberes e dos fazeres advindos da comunidade, de maneira dialógica e em movências constantes. Nesta perspectiva, é apresentado um breve percurso histórico da extensão nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, considerando as legislações e diretrizes nacionais. Na sequência, são apresentados alguns exemplos de ações extensionistas desenvolvidas no âmbito da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) com o intuito de ilustrar a discussão. Por fim, ressalta-se a importância da extensão para fortalecer a nossa esperança de que é possível ensinar e aprender no contexto da escola pública.

Palavras-chave: Extensão Universitária; curricularização; transformação social.

Abstract: This work proposes a reflection on the new ways of being at the university, thinking about extension as a transforming power of society. The idea of a university that acts in a collaborative way is approached, recognizing the importance of knowledge and actions arising from the community, in a dialogical way and in constant movements. In this perspective, a brief historical journey of extension in Instituições de Ensino Superior (IES) is presented, considering national legislation and guidelines. Next, some examples of extension actions developed within the scope of the Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) are presented with the aim of illustrating the discussion. Finally, the importance of extension is emphasized to strengthen our hope that it is possible to teach and learn in the public school context.

Keywords: University Extension; curricularization; social transformation.

*[...] enquanto um olho chora, o outro
espia o tempo procurando a solução.*

Conceição Evaristo - Olhos D'água

¹ Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: vanderlice.sol@ufop.edu.br.

1 PALAVRAS INICIAIS

O objetivo desta escrita é propor uma reflexão sobre os novos modos de ser/estar na universidade, pensando a extensão como potência transformadora da sociedade. Estamos em um momento histórico que nos convoca ao diálogo constante sobre a Extensão na Educação Superior, considerando seu conceito, princípios, diretrizes e objetivos. Não fossem os esforços já empreendidos nesta direção, não teríamos hoje uma Política Nacional de Extensão. Estabelecer diálogos coletivos e colaborativos sobre a extensão nos possibilita avançar, criando possibilidades de (re)construção e aprimoramento para o debate sobre a importância da extensão e a perspectiva social.

No momento de escrita deste artigo, estou na função de pró-reitora adjunta de extensão e cultura da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), sou docente do Departamento de Letras, formadora de professores e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (POSLETRAS). Constituí-me docente sobretudo a partir das ações extensionistas que desenvolvo desde sempre. Minha atuação na pesquisa e no ensino sempre foi pautada pelas ações extensionistas, pelo que vinha/vem de fora da universidade. Neste sentido, o transbordar da Universidade sempre foi a menina dos meus olhos.

Assim sendo, deixo aqui o convite a pensar neste transbordar, que em suas acepções dicionarizadas indica “fazer sair ou sair fora das bordas” (DICIONÁRIO AURÉLIO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2013, não paginado). Vale destacar que nossa compreensão do mundo se dá por meio das palavras e nossos maiores desafios são saber o que elas impelem, transferem e induzem.

Nesse sentido, justifico porque “transbordar” parece estar mais em consonância com as ideias que pretendo desenvolver neste artigo e com o paradigma de extensão que adoto do que a ideia de “muros”. Me oponho à ideia de “muros”, de ir além “dos muros da universidade”, como se costuma ver nos discursos sobre a extensão universitária. Discursivamente falando, esse modo de dizer aponta para o reconhecimento da existência desses muros. Considerando toda a caminhada da extensão na IES, penso que precisamos romper com esses muros imaginários que nos

constituíram. Precisamos a todo tempo “questionar o que parece inquestionável” (CORACINI, 2007, p.132), a fim de nos colocarmos “em posição de ‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito” (PÊCHEUX, 2014, p. 44), ou questionar por que foi dito assim e não de outro jeito. Corroborando as ideias de Derrida (2001), os sentidos são sempre instituídos, eles nunca são naturais ou neutros e precisamos ousar e assumir o caráter frágil e provisório do pensamento, desestabilizando-o, tirando toda certeza de seu centro.

Assim, nesse jogo discursivo e na constatação de que as palavras não são neutras, o que queremos construir é o oposto, é uma ideia de uma universidade que atua de maneira colaborativa, reconhecendo a importância dos saberes e dos fazeres advindos da comunidade, de maneira dialógica e em movências constantes. Nesta perspectiva, tem-se uma visão de universidade e de educação pautada em um transbordamento tanto dos fazeres da universidade quanto da comunidade, um processo que vem dos dois contextos, sem uma hierarquia pré-estabelecida.

Este artigo é um convite à problematização sobre a extensão calcada no “sair da ilha” para vê-la melhor. Pois, nas palavras do escritor português José Saramago: “É necessário sair da ilha para ver a ilha” (SARAMAGO, 1998). Assim, minha intenção é ofertar possibilidades de problematizações sobre a extensão na educação superior.

2 O OLHO QUE ESPIA O TEMPO EM BUSCA DE SAÍDAS

A Política Nacional de Extensão em vários de seus objetivos elencados ressalta o compromisso social da extensão universitária.

Reafirmar a Extensão Universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, além de indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade; Conquistar o reconhecimento, por parte do Poder Público e da sociedade brasileira, da Extensão Universitária como dimensão relevante da atuação universitária, integrada a uma nova concepção de Universidade Pública e de seu projeto político-institucional; Contribuir para que a Extensão Universitária seja parte da solução dos grandes problemas sociais do País (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS, 2012, p. 9).

Sabemos que não é fácil falar de compromisso social quando se sabe das inúmeras lacunas orçamentárias vivenciadas pelas IES brasileiras. Com base nos acontecimentos que temos vivenciado no Brasil e nas instituições públicas, sobretudo nas de Educação, ser extensionista pode ser considerado um ato revolucionário. Mesmo sabendo que as metas do governo atual apontam para um horizonte de compromisso, ainda estamos vivenciando desafios. No entanto, mesmo diante dos impactos dos cortes orçamentários anteriores e de todo o desmonte da educação, sobretudo da extensão nas IES públicas, estamos resistindo e re-existindo.

Para situar nosso debate, apresento a seguir um breve percurso histórico da extensão nas IES brasileiras, considerando as legislações e diretrizes nacionais. Na sequência, apresento alguns exemplos de ações extensionistas que desenvolvo no âmbito da UFOP, para ilustrar a nossa discussão.

Conforme a trajetória histórica, o I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras de 1987 motivou uma nova definição de extensão: “A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade”. Em consonância com os debates pactuados no FORPROEX 1987, a Constituição de 1988 determina a “indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988, art. 207) e estabelece que “as atividades universitárias de pesquisa e extensão poderão receber apoio financeiro do poder público” (BRASIL, 1988, art. 213). A Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB/1996), também estabelece o princípio de indissociabilidade.

Considerando os debates anteriores, a Política Nacional de Extensão Universitária foi consolidada pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, Manaus/AM - Maio de 2012 (FORPROEX, 2012). Mais adiante, em 2014, de acordo com o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014), umas das estratégias para se conseguir alcançar a Meta 12² é “assegurar, no mínimo,

² “Elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% (cinquenta por cento) e a taxa líquida para 33% (trinta e três por cento) da população de 18 (dezoito) a 24 (vinte e quatro) anos,

10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social”.

A inserção da extensão no currículo (curricularização) propõe a extensão em sua dimensão pedagógica, a ser realizada por meio de um planejamento a ser delineado dentro dos projetos político-pedagógicos dos cursos de graduação de todas as IES brasileiras, garantindo aos graduandos oportunidades de vivências extensionistas distribuídas ao longo de todo o processo formativo. Assim sendo, a Resolução do Conselho Nacional de Extensão CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018, estabelece as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira, vigentes atualmente. Nesta perspectiva, todas as universidades brasileiras estão em momento de implantação da Curricularização. No entanto, vale ressaltar que os processos das instituições não são homogêneos, devido às suas singularidades e à extensão do país.

A partir do rol de legislações apresentadas, cada IES definiu suas regulamentações/orientações/guias para implantação da curricularização da extensão, conforme as singularidades de cada curso e contexto, tendo em vista a reformulação dos Projetos Pedagógicos de Curso. Na UFOP, por exemplo, a curricularização da extensão é regulamentada pelas legislações nacionais vigentes e, localmente, pela Resolução do CEPE nº 7.609/2018 e pelo documento intitulado Guia de Curricularização da Extensão da UFOP.

Para exemplificar o debate sobre a importância da extensão, compartilho na seção a seguir duas ações extensionistas que tenho desenvolvido na UFOP, voltadas para a formação inicial e continuada docente, tendo em vista a importância dessas ações para o processo de Curricularização da extensão na Instituição e para a formação integral dos estudantes. São elas: os Projetos *Movie Time: o cinema como forma de letramento crítico em Língua Inglesa* e *Diálogos Com a Escola: formação*

assegurada a qualidade da oferta e expansão para, pelo menos, 40% (quarenta por cento) das novas matrículas, no segmento público”. (Plano Nacional de Educação, BRASIL, 2014).

*inicial e continuada de docentes de Língua Inglesa*³. Os dois projetos fazem parte de um Programa guarda-chuva intitulado Programa de Linguística Aplicada (PLA), que abarca sete projetos no âmbito da formação inicial e continuada de professores. Esse é um programa consolidado, que possui 19 anos de existência. Vale destacar que o PLA conta com a estratégia de curricularização do Curso de Letras em suas quatro habilitações (Letras Inglês - Licenciatura, Letras Português- Licenciatura, Letras - Bacharelado em Tradução e Letras - Bacharelado em Estudos Literários) e todos os Projetos Político Pedagógicos desses cursos já foram aprovados e aguardam registro no E-Mec para implementação de todo o processo de Curricularização⁴. Quanto aos dois projetos mencionados, os exemplos que partilho aqui são de oficinas desenvolvidas no ano de 2022.

O projeto *Movie Time* foi criado por mim em 2016⁵ e tem como objetivo principal utilizar o cinema como recurso didático-pedagógico no contexto de ensino e aprendizagem de língua inglesa. Atendendo às demandas de formação inicial e continuada de professores em consonância com os novos letramentos, o projeto visa a contribuir para o uso da língua inglesa em situações reais de comunicação, para a interculturalidade e negociação de sentidos, para a liberdade de expressão, para a construção conjunta do conhecimento, para o incentivo à responsabilidade e implicação no exercício de ensinar e aprender uma língua estrangeira.

³ A partir do início de 2023, Devido ao fato de eu ter assumido a Pró-reitoria Adjunta de Extensão e Cultura na UFOP, estou compartilhando a coordenação das ações com as Professoras Jhuliane Evelyn da Silva (*Movie Time*) e Viviane Raposo Pimenta (*Diálogos Com a Escola*), ambas do Departamento de Letras.

⁴ A UFOP está em fase de análises dos capítulos de Curricularização dos PPCs dos cursos, cerca da metade dos Cursos já submeteram seus PPCs para análise da Comissão Permanente de Curricularização. A UFOP possui 56 cursos de graduação (52 presencial e 4 a distância). Disponível em <https://ufop.br/ufop-em-numeros>. Acesso em: 10 jul. 2023.

⁵ O Projeto foi interrompido apenas no ano de 2020, devido à Pandemia de COVID- 19 e o meu afastamento para Pós-doutoramento. Em 2021, retornamos com a oferta de oficinas na modalidade remota, pelo Google Meet.

Quadro 1 – Descrição das oficinas

Meses	Filmes/séries trabalhados	Temas abordados
Abril de 2022 a Junho de 2022	Oficina 1 - Don't Look Up (Não olhe para cima) Oficina 2 - Brooklyn Nine-Nine Oficina 3 - CODA Oficina 4 - Wonder Oficina 5- The Queen's Gambit (O Gambito da Rainha)	1. Pandemia, negacionismo, fake news, aquecimento global, mídia sensacionalista, machismo. 2. Perfil racial, morte da população negra, luta racial. 3. Inspiração, língua de sinais, comunidade surda, relações familiares. 4. Bullying, escola, relações familiares, autoaceitação. 5. Adoção, machismo.
Agosto de 2022 a Outubro de 2022	Oficina 6 - Atypical Oficina 7 - Heartstopper Oficina 8 - Oprah + Viola Oficina 9 - Fleabag 10. The King's Speech (2 sessões) 11. Love, Death and Robots (Ep. Jibaro)	6. Bullying, autismo, sexualidade, adolescência, apoio familiar 7. Homossexualidade, masculinidade, amizade, apoio emocional 8. Resiliência, racismo, maternidade, pobreza 9. Conflitos familiares, feminismo, frustração sexual e profissional, feminilidade 10. Dificuldades com a fala, fobia social, educação inclusiva, gagueira 11. Colonialismo, arquétipo da mãe natureza, relacionamento tóxico, soberba

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A troca de saberes entre a Universidade e os grupos sociais participantes se deu, e tem se dado, de um modo muito produtivo. O caráter crítico e dinâmico do Projeto *Movie Time* propicia um ambiente de letramento crítico sobre diversos temas, de modo que os participantes e bolsistas conseguem se expressar e compartilhar saberes e conhecimentos em Língua Inglesa, conforme podemos notar no depoimento de um dos participantes:

A dinâmica dos encontros é sempre acolhedora e as atividades diversificadas, sempre trazendo algo novo a cada oficina. O grupo de participantes se sente à vontade em participar independente de qual língua queira se expressar, o que é algo inclusivo e convidativo. As escolhas de filmes e séries foram reflexivas e provocativas abordando vários temas

interessantes para debate e reflexão. Gostei das atividades desenvolvidas e estou ansioso para o próximo semestre.⁶

Algumas oficinas são realizadas em sala de aula, outras em ambiente aberto. Conforme registro a seguir.

Figura 1 – Foto de uma das oficinas abertas



Fonte: Acervo da autora (2022).

Para cada oficina são elaborados cartazes de divulgação, conforme obra fílmica escolhida. A divulgação é feita nas redes sociais do projeto, como também junto à Superintendência Regional de Ensino, são enviados e-mails aos participantes e são afixados cartazes pelo campus universitário.

⁶ Paulo Eduardo Moura, Licenciando em Letras Inglês da UFOP, 2022. Informação verbal.

Figura 2 – Cartaz de Movie Time



Fonte: Acervo da autora (2022).

O projeto tem possibilitado o aprimoramento das práticas de ensino e aprendizagem de língua inglesa, utilizando o cinema como um meio de expandir o olhar crítico do espectador não somente linguístico, mas acima de tudo, as possibilidades de fazer o sujeito (re)pensar sobre si e sobre o mundo.

Na sequência, apresento o Projeto Diálogos Com a Escola: formação inicial e continuada de docentes de Língua Inglesa, que também foi idealizado por mim, a partir da minha experiência como ex-professora da Educação Básica, formadora de professores. O Projeto foi pensado com o objetivo de desenvolver estratégias de aproximação universidade-escola, uma vez que estas têm sido frágeis e precisam investir mais no diálogo com a comunidade. Assim, o Projeto investe no debate aberto e crítico advindo das experiências das escolas e no trabalho conjunto de pensar em possíveis estratégias de intervenções nos dois contextos, na universidade e na escola (no âmbito da formação inicial e continuada de professores).

O Projeto *Diálogos com a Escola* propõe o planejamento e execução de oficinas desenvolvidas dentro das disciplinas de Estágio Supervisionado de Língua Inglesa (LET 591 - Língua Inglesa: Estágio Supervisionado Ensino Médio - Observação e LET 592 - Língua Inglesa: Estágio Supervisionado Ensino Médio - Regência) com o objetivo de

fomentar a aproximação universidade-escola e contribuir para a formação inicial e continuada de professores quanto ao ensino e ao aprendizado de Língua Inglesa. Mais especificamente, propõe-se ressignificar o papel do estágio supervisionado na aprendizagem da docência e na relação universidade-escola. A trajetória metodológica desta ação pautou-se pelo levantamento das demandas dos professores de língua Inglesa das escolas parceiras e dos licenciandos das turmas de estágio, em seguida, houve o planejamento de Rodas de Conversa que foram realizadas na modalidade online, conforme escolhas dos docentes participantes. Foram realizadas nove rodas de conversa, com temas variados, envolvendo a docência em Língua Inglesa (LI). Os participantes foram professores da Região dos Inconfidentes e de outras regiões do Brasil, licenciandos e professores de LI da UFOP. O público variou entre 15 e 25 participantes. Os resultados mostraram e vêm revelando que as rodas de conversa propiciaram aos participantes a construção de novos discursos sobre a docência em LI e a educação em geral. O projeto tem fomentado o debate universidade-escola; estabelecendo diálogos entre a formação inicial e continuada de professores, por meio da partilha de vivências no campo da docência.

Quadro 2 – Rodas de conversa

Meses	Títulos das rodas de conversa	Temas abordados
Abril à Junho de 2022	<p>1. O letramento crítico nas aulas de língua inglesa: a formação cidadã em foco. Data: 13/04.</p> <p>2. Descolonizando o ensino de Língua Inglesa. Data: 27/04</p> <p>3. Emoções de professores de Língua Inglesa: o que nos paralisa e o que nos move na docência? Data: 25/05.</p> <p>4. Desafios pedagógicos e saídas criativas no retorno presencial. Data: 08/06</p>	<p>1. Letramento crítico, cidadania etc.</p> <p>2. Decolonialidade, ensino de línguas.</p> <p>3. Emoções, desafios e motivações na docência.</p> <p>4. Formas para enfrentar o desafio do retorno presencial.</p>
Setembro à Dezembro de 2022	<p>5. Letramento crítico e cidadania nas aulas de inglês: perspectivas dos estudantes da escola pública. Data: 08/09.</p> <p>6. Ato e potência no ensino de inglês: treinando o olhar para o que importa. Data: 29/09.</p> <p>7. O ensino de variedades não-padrão da língua inglesa: O Black English em sala de aula. Data: 06/10.</p> <p>8. Transgredindo na sala de aula de LI: O amor pela docência em cena. Data: 20/10.</p> <p>9. Letramento Literário Racial Crítico nas aulas de LI: (des)construção identitária de aprendizes negros brasileiros e formação docente antirracista. 07/12</p>	<p>5. Ensino de língua inglesa em escolas públicas, letramento crítico.</p> <p>6. Perspectiva de futuro dos alunos, influência do docente.</p> <p>7. Ensino decolonial, variedades do inglês, black english.</p> <p>8. Ensino transgressor, propostas para educação transformadora.</p> <p>9. Letramento crítico racial, formação identitária de alunos negros, educação antirracista.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Nas rodas de conversa, tomamos sempre o cuidado de manter uma atmosfera amistosa e colaborativa que permitisse aos participantes mesclar em seus discursos o saber empírico e suas emoções quanto às situações vivenciadas no contexto escolar. Os discentes e a coordenação que mediarão os encontros propiciaram este tipo de interação com a proposição de questões e atividades, planejadas anteriormente, que favorecessem a acolhida de todas as opiniões e saberes dos participantes. Trago nos recortes a seguir alguns depoimentos de participantes das

rodas de conversa, para ilustrar o quanto foi produtiva a troca de saberes entre a Universidade e os professores participantes.

Todo o meu crescimento durante o curso de graduação se dá pelos projetos, oficinas e pelas experiências vividas e as que ainda vivo. E não seria diferente ao participar do projeto Diálogos com a escola. Ele contribui para minha formação e também para o ser humano que me constituo de formas que só quem passa por esse processo sabe. Além de auxiliar na realização do estágio, somos presenteados por textos fundamentais para que pensemos e repensemos em nossa prática como professores e para os professores já graduados. Fica mais claro os letramentos, letramento crítico, multiletramentos e todos os conceitos que antes para mim eram mais complexos de entender. E como utilizá-los em nossa prática, uma vez que enquanto professores(as) inspiramos e guiamos os(as) alunos(as) para aquilo que desejam. Eu fico muito agradecida por essas oportunidades e por todas aquelas que me são oferecidas neste projeto, pela dedicação da nossa professora coordenadora, pelos textos que lemos e discutimos. Por me ensinar que a educação é o caminho em que constituímos a nossa identidade, aqueles que somos. Por isso é de suma importância que valorizemos cada vez mais o Diálogos com a escola, pois é através deles que trocamos experiências, contamos a nossa narrativa, trocamos práticas e teorias. É um espaço em que me sinto acolhida, abraçada por todas as teorias, experiências, práticas e aprendizado.⁷

Conheci o Diálogos com a escola por meio da professora Vanderlice Sól. Além dela ser a idealizadora do projeto é uma grande parceira que tenho na Universidade Federal de Ouro Preto. Mas o que falar dessa proposta? É um projeto que vai para mais de uma atividade que o departamento de Letras realiza com os seus graduandos. É um espaço de fala onde os estudantes da universidade apresentam importantes temas que fazem parte do cotidiano escolar. É por meio desses assuntos que professores da educação básica, profissional e superior discutem, analisam e compartilham ideias e problemas vivenciados nas escolas. Também considero um espaço de formação continuada, onde em cada encontro aprendo mais sobre o processo de ensino e aprendizagem, posso ser ouvida e falar sobre os dilemas vivenciados principalmente durante o ensino remoto. Considero o Diálogos com a Escola um projeto encantador e original. Encantador por possibilitar aos professores a oportunidade de troca de experiências e original por apresentar diálogos intensos e sistemáticos dos sujeitos envolvidos nos encontros.⁸

Para mim o Projeto Diálogos com a Escola vai ao encontro de ações e premissas que acredito serem primordiais na formação inicial e continuada do professor de inglês. Um espaço de fala seguro onde podemos (nos) escutar e, como diz muito bem a Profa. Vanderlice, fazer a roda girar. Fazer com que todos os presentes, sejam da escola, da universidade, em formação inicial ou continuada, se sintam confortáveis em um espaço para discutir questões relevantes para a docência. Sobre o projeto em si, fico encantada com o engajamento dos alunos da graduação, muito bem orientados pela

⁷ Fátima Mapa, 2022. Informação verbal.

⁸ Gisane de Oliveira Almeida Costa, professora da Escola Estadual Marília de Dirceu Ouro Preto, 2022. Informação verbal.

profa. Vanderlice que faz um trabalho muito responsável e comprometido. [...] Consigo vislumbrar práticas possíveis e me espelhar não só na Profa. Vanderlice, mas em todos os outros professores que escuto nos Diálogos.⁹

Vários estudiosos em âmbito nacional e internacional têm problematizado o papel da universidade enquanto instituição pública, estatal, gratuita e de qualidade (CHAUÍ, 2003; SANTOS, 2008). Ao discutir o papel da universidade no século XXI, Santos nos convida a refletir sobre as seguintes questões: “O que aconteceu nos últimos dez anos? Como caracterizar a situação em que nos encontramos? Quais as respostas possíveis aos problemas que a universidade enfrenta nos nossos dias?” (SANTOS, 2010, p. 11). O autor ressalta a importância do cumprimento da função social pela universidade e que seu foco não deve ser o capital, mas as necessidades das comunidades. O autor afirma que as universidades precisam investir cada vez mais na articulação entre ensino, pesquisa e extensão, destacando sempre articulação com as demandas sociais, visando a uma sociedade menos desigual e a “assumir formas mais densas de responsabilidade social, aceitando ser permeável às demandas sociais, sobretudo àquelas oriundas de grupos sociais que não têm poder para as impor” (SANTOS, 2010, p. 89). Nesse sentido, penso que as estratégias de aproximação universidade-escola têm sido frágeis e que “as universidades, no geral, precisam praticar em exercício diário o diálogo de seus membros entre si e com a comunidade. Devem ser espaços públicos privilegiados de debate aberto e crítico” (AZEVEDO, 2018, p. 33). Assim, ao investir no tripé ensino-pesquisa-extensão, a universidade desenvolve o potencial para promover mais intervenções no contexto social (CHAUÍ, 2003). Em se tratando da relação universidade-comunidade, a universidade precisa se aproximar da escola, no intuito de apre(e)nder as questões que perpassam esse contexto e teorizá-las à luz da prática, das experiências e das demandas educacionais.

Muitos pesquisadores brasileiros têm se preocupado com a lacuna existente entre a formação inicial e as representações de professores em formação sobre o

⁹ Isabela Campos, professora do IFMG - Campus Congonhas e doutoranda da UFMG, 2022. Informação verbal.

ensino e aprendizagem de inglês nas escolas “reais”, fora dos muros das universidades (GIMENEZ; BONACELI, 2013; ECKERT-HOFF, 2008; SÓL, 2019). No entanto, há ainda muito a fazer, pesquisar e refletir sobre a formação inicial e continuada de professores. Neste sentido, Sól (2021) salienta que, um ciclo de perguntas se instauram: os professores em formação se perguntam: “Qual a relação entre o conhecimento adquirido na universidade e as práticas de sala de aula?”; os professores em serviço se questionam: “Como as nossas práticas de sala de aula poderiam ser diferentes e fazer meus alunos a desejar aprender inglês?” e os formadores se indagam “Com base na realidade da escola, como levar os licenciandos a atribuir sentidos à docência em LI que favoreçam a uma visão positiva desse processo?; “Como conectar a escola e a universidade?”

A partir das ações extensionistas apresentadas, minha intenção é problematizar e trazer à baila a necessidade de a universidade fomentar ações de extensão que possam fortalecer a Educação Básica, estreitar laços, discutir temas de interesse comum. Superar os ataques a que está sujeita, proletarização e precarização da formação docente impostos pelo capitalismo global e neoliberalismo, dito de outro modo, a obsessão positivista, mecanicista pela produção. Por fim, proponho uma aproximação universidade-escola, que possa contribuir para a formação inicial e continuada de professores quanto ao ensino e ao aprendizado, uma universidade comprometida com os desafios contemporâneos.

3 PALAVRAS FINAIS

Gostaria de ressaltar a importância de compartilhar experiências dos nossos fazeres na extensão e deixar um convite às problematizações sobre a compreensão da noção de extensão, nos afastando cada vez mais da visão de extensão calcada no assistencialismo, na qual se tem a universidade como detentora do conhecimento e a comunidade vista como receptáculo vazio, desprovida de saberes. Ao contrário, acreditamos na extensão que é feita “com” e não “para” os sujeitos, em uma visão dialógica e colaborativa.

Inspirada no pensamento de Gilles Deleuze, penso que estamos em constante movimento, devir, fluir, transformação. Enfim, somos sujeitos em movência incessante e é o nosso agir na extensão que nos permite conectar a universidade com os territórios, com as comunidades, escolas, associações etc., potencializando e configurando a indissociabilidade do tripé extensão-ensino-pesquisa nas práticas pedagógicas do ensino superior.

Inspirada nas reflexões de Paulo Freire (2004, p. 47): “Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero”. Que a esperança em dias melhores e nas potencialidades na Extensão Universitária em uma dimensão pedagógica seja um “imperativo existencial e histórico”. Que essa seja a nossa “teimosia”. Dentre as reflexões que partilho aqui, gostaria de ressaltar a importância da extensão para fortalecer a nossa esperança de que é possível ensinar e aprender na escola pública, sim. Sigamos (re)existindo, cada vez mais responsáveis da nossa empreitada e mais confiantes em nossas ações extensionistas e possibilidades de resistência e re-existência.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R. L. **De quem é a universidade?** Um estudo sobre a relação de poder na interação aluno-professor. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em:

http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/31981/1/2018_RayanneLinharesAzevedo.pdf. Acesso em: 1 set. 2023

BRASIL. [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. [2022] Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 1 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República. 1996. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 1 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. 2014. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 1 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução Conselho Nacional de Educação nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. [2019]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 1 set. 2023.

CHAUI, M. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, v. 8, n. 24, p. 5-15. 2003. ISSN 1809-449X. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/n5nc4mHY9N9vQpn4tM5hXzj/?lang=pt>. Acesso em: 1 set. 2023.

CORACINI, M. J. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

DERRIDA, J. **Posições (1972c)**. Tradução: Maria Margarida Correia Calvente Barahona. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ECKERT-HOFF, B. M. **Escritura de si e identidade: o sujeito professor em formação**. Campinas: Mercado das Letras, 2008. 144 p.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: FORPROEX, 2012. 68 p. *E-book*. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GIMENEZ, A. M. N.; BONACELLI, M. B. M. Repensando o papel da universidade no século XXI: demandas e desafios. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 9, n. 18, p. 1-12, 2013.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução: Jonas de A. Romualdo. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014. p.311-318. [1983].

SANTOS, B. S. A Universidade no Século XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade. In: SANTOS, B. S.; ALMEIDA FILHO, N. A

Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova. Coimbra: Almedina, 2008. p. 13-106.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 64 p.

SÓL, V. S. A. A constituição identitária de professores de língua inglesa: problematizando a relação universidade-escola e a formação inicial e continuada. **Relatório de Pós-doutoramento.** POSLIN/UFMG - University of California Santa Barbara, UCSB - USA. 2021.

SÓL, V. S. A. PIBID de Letras-Inglês: a importância da colaboração escola-universidade para a formação inicial-continuada de professores. *In:* SOUZA, G. P.; PRAZERES, L. A.; NOGUEIRA, M. O.; SÓL, V. S. A. (org.). **PIBID UFOP em diálogo com a educação básica: percursos para a formação de professores.** Curitiba: CRV, 2019. p. 17-34. ISBN 978-85-444-3428-4.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. **Guia de Curricularização da Extensão da UFOP,** 2022. Disponível em: <https://proex.ufop.br/extensao-universitaria/curricularizacao>. Acesso em: 1 set. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. **Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CEPE nº 7.609, de 20 de novembro de 2018.** Regulamenta as Ações de Extensão Universitária da UFOP e revoga as Resoluções CEPE nº 5292 e 5295. Ouro Preto, MG: UFOP. 2018. Disponível em: http://www.soc.ufop.br/public/files/RESOLUCAO_CEPE_7609.pdf. Acesso em: 1 set. 2023.

Trabalho submetido em: 03 ago. 2023.

Aceito em: 22 ago. 2023.

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI
PROEX – Pró-Reitoria de Extensão

Av. Tenente Raimundo Rocha nº 1639
Bairro Cidade Universitária - Juazeiro do
Norte - Ceará - CEP 63048-080

ufca.edu.br



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

entrecões
diálogos em extensão

proex.ufca.edu.br

periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/entrecoes

+55 (88) 3221-9286

e-ISSN 2675-5335